



A FOTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO PROJETO DE EXTENSÃO RESGATE DA MEMÓRIA PALHOCENSE

PHOTOGRAPHY AS A DISPOSITIVE OF HERITAGE EDUCATION IN THE RESGATE DA MEMÓRIA PALHOCENSE EXTENSION PROJECT

Gustavo Cossio - Doutorando em Design na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ESDI/UERJ; Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ; Mestre em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2011); Bacharel em Design pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA (2006). Atuou como professor substituto no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue (2016-2018), onde articulou o projeto Resgate da Memória Palhocense. E-mail: gcossio@esdi.uerj.br

Edimara Lúcia Rupolo - Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2008). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2003) e Bacharel em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2017). Professora do ensino básico, técnico e tecnológico no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue, onde atua como pesquisadora e extensionista, e colaborou com o projeto Resgate da Memória Palhocense. - E-mail: edimara.rupolo@ifsc.edu.br

RESUMO

O projeto de extensão Resgate da Memória Palhocense teve origem no ensino de fotografia no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue, na região metropolitana de Florianópolis. Ao partir da premissa que cidade sem patrimônio é cidade sem identidade, o objetivo principal da proposta foi aplicar a fotografia como dispositivo de valorização do patrimônio cultural do município de Palhoça-SC, com ênfase na influência da cultura de base luso-açoriana. Para tanto, a realização de exposições fotográficas itinerantes, elaboradas a partir da produção discente, tornou-se o fio condutor para a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, em parceria estabelecida com a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. Neste artigo, a fundamentação teórica apresenta uma conceituação sobre patrimônio cultural e educação patrimonial, bem como as relações com a fotografia e o projeto de exposições. Após uma introdução à história do município, são descritas as ações desenvolvidas nas duas fases do projeto e seus desdobramentos em novas atividades de ensino e extensão, com o depoimento de discentes participantes e de membros da comunidade. Em síntese, a ação extensionista com o enfoque em educação patrimonial possibilitou a tomada de consciência sobre uma parte significativa da história da cidade e da identidade local, de modo a engajar os sujeitos em um exercício de cidadania, para que o patrimônio cultural seja preservado.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Fotografia. Educação patrimonial. Design de exposição. Extensão universitária.

ABSTRACT

The Resgate da Memória Palhocense extension project originated from photography education at Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue, in the metropolitan area of Florianópolis. Based on the premise that a city without heritage is a city without identity, the main objective was to apply photography as a dispositive to enhance cultural heritage of the municipality of Palhoça-SC, with an emphasis on the influence of luso-azorean based culture. For that, the realization of itinerant photographic exhibitions, elaborated from the student production, became the guiding thread for the articulation between teaching, research and extension, in a partnership established with Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. In this article, the theoretical foundation presents a conceptualization of cultural heritage and heritage education, as well as the relationship with photography and exhibition design. After an introduction to the history of the municipality, the actions developed in both phases of the project and their unfolding in new education and extension activities are described, with the testimony of participating students and community members. In summary, the extension action focused on heritage education made it possible to raise awareness about a significant part of the city's history and the local identity, in order to engage the subjects in an exercise of citizenship, so that cultural heritage is preserved.

Keywords: Cultural heritage. Photography. Heritage education. Exhibition design. University extension.

APRESENTAÇÃO

Na compreensão do papel da educação patrimonial como processo de formação cidadã, de construção do conhecimento histórico e de valorização da identidade local, o projeto Resgate da Memória Palhocense articulou o ensino de fotografia e o patrimônio cultural em uma série de ações de extensão, entre 2016 e 2018. Os objetivos do projeto foram: a) aplicar os tópicos estudados sobre fotografia em um projeto final; b) pesquisar a história do município de Palhoça-SC, com um estudo sobre suas origens, fatos principais e o reconhecimento de seu patrimônio cultural; c) oportunizar uma reflexão sobre aspectos da identidade local e a relação de pertencimento dos agentes envolvidos por meio da fotografia; d) planejar exposições fotográficas itinerantes e ações educativas como modo de socializar os conhecimentos adquiridos; e) estimular a troca de experiências e saberes entre os discentes, a comunidade do campus e a comunidade externa.

Sobre as instituições envolvidas, o Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, campus Palhoça Bilíngue, foi estabelecido com sede própria em 2013, como a primeira unidade da rede federal de educação profissional e tecnológica na modalidade bilíngue – Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS/Português, com uma política de ensino, pesquisa e extensão que busca viabilizar uma efetiva interação entre surdos e ouvintes. Desse modo, oferece cursos em diferentes níveis e modalidades de ensino, nos itinerários formativos de educação bilíngue e de multimídia. Entre os cursos que se articularam com as atividades de extensão aqui em análise, mencionamos, especialmente, a Formação Inicial Continuada - FIC Fotografia e Edição Digital, cujos trabalhos finais das turmas dos semestres 2016/II e 2017/I originaram as exposições do projeto Resgate da Memória Palhocense¹.

1 Os cursos Técnico Integrado em Comunicação Visual, Técnico Integrado em Tradução e Interpretação, Tecnologia em Produção Multimídia e Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (LIBRAS/Português) foram articulados nas ações educativas do projeto.

De modo a efetivar a ação extensionista e a interação com a comunidade, destacamos a parceria firmada com a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça - Casarão da Enseada de Brito², que tem os seguintes objetivos: promover e incentivar a produção e divulgação das manifestações culturais de base açoriana; facilitar o acesso aos bens culturais produzidos pela comunidade acadêmica e pela comunidade em geral; manter intercâmbio artístico e cultural com entidades públicas e privadas do Brasil e do exterior; colaborar para o desenvolvimento, preservação e conservação do patrimônio artístico, histórico e cultural de nossa gente; fazer um resgate da cultura de base açoriana, oferecendo os cursos de cerâmica, renda de bilros, crochê e artes aplicadas.

A fase inicial do projeto Resgate da Memória Palhocense, subintitulada 'Exposição fotográfica sobre o patrimônio histórico', teve o enfoque no valor arquitetônico e paisagístico do centro da cidade e da Enseada de Brito, área que tem o ano de 1750 como marco de fundação e constitui a origem do município³. Já na segunda fase, a exposição fotográfica foi subintitulada 'Saberes e fazeres da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça' e privilegiou os conhecimentos tradicionais ministrados nos cursos oferecidos gratuitamente. Após o relato das atividades e das repercussões do projeto, com o registro de depoimentos de estudantes e de membros da comunidade, tratamos das novas ações de ensino e extensão: a) Websérie Casa da Cultura Açoriana de Palhoça em LIBRAS; b) Jogo didático sobre a história da Enseada de Brito.

NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O PROJETO DE EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

No que se refere ao patrimônio cultural, importa salientar que o conceito evoluiu juntamente com a ideia de cidadania. Neste sentido, Malverdes e Lopez (2016) afirmam que, embora inicialmente relacionado ao âmbito privado, o patrimônio passou, paulatinamente, a ser incorporado à esfera pública, sobretudo com a reconfiguração das relações Estado-Cidadão, advinda da Revolução Francesa.

Por ocasião da aprovação da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, em 1972, os países em desenvolvimento pleitearam um instrumento internacional para proteção às manifestações populares de valor cultural⁴ (IPHAN, 1989). Por sua vez, a Constituição Brasileira de 1988, além de oficializar a responsabilidade do Estado, no seu artigo 216, considera como patrimônio cultural "os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 1988). Essa nova concepção expandiu significativamente o leque de saberes, de sujeitos e de instituições envolvidas com a gestão e a promoção do patrimônio:

2 A instituição é administrada pela Fundação Municipal de Esporte e Cultura e constitui a única entidade mantida pela Prefeitura de Palhoça com atuação no setor cultural. Tem o funcionamento regido pela Lei Complementar número 076, de 17 de setembro de 2009. De acordo com o relato de moradores mais antigos da comunidade, além de residência, o casarão já foi utilizado como delegacia, açougue, loja e padaria.

3 A Enseada de Brito é a mais antiga comunidade açoriana na porção continental catarinense e está tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, conforme edital de notificação publicado no D. O. U. (BRASIL, 2016). Em nível estadual, a Fundação Catarinense de Cultura - FCC promoveu o tombamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário, juntamente com o cemitério anexo e a praça da Enseada de Brito (FCC, 1998).

4 Em resposta, a Recomendação Paris estabeleceu diretrizes para a identificação, a conservação, a salvaguarda, a difusão e a proteção da cultura tradicional e popular, por meio de registros, inventários, suporte econômico, introdução do conhecimento no sistema educativo, documentação e proteção à propriedade intelectual dos grupos detentores de conhecimentos tradicionais, como obrigação do Estado e direito universal do cidadão (IPHAN, 1989).

A ampliação do conceito de cidadania - o que implica reconhecimento dos 'direitos culturais' de diferentes grupos que compõem uma sociedade, entre eles o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar, como também reconhecimento de que produzir e consumir cultura são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade, veio contribuir para que o enfoque da questão do patrimônio cultural fosse ampliado para além da questão do que é 'nacional', beneficiando-se do aporte de compor com a Antropologia, a Sociologia, a Estética e a História (FONSECA, 2003, p. 76).

Em outras palavras, a ausência de políticas públicas e ações para a valorização do patrimônio cultural sugere um descaso com o povo e sua memória. Ao articular sujeito, memória e sentido para o lugar, Martins (2015) assevera:

Os sujeitos em seus espaços referem-se ao seu lugar amparados pelas referências que elaboraram e estas, por sua vez, amparam as respectivas construções simbólicas que expressam a história do lugar e as próprias de cada sujeito. Retirado do sujeito o que o identifica e o valoriza no lugar e em si, o lugar e o ser desqualificam-se, restando o desinteressante, o sem sabor e sem cheiro, apenas o lugar comum, onde nada é interessante. Pensar em tais questões nos remonta à necessidade de algo básico, tão em falta em tempos de apressamento dos ritmos sociais e em prol de um tipo de desenvolvimento que exclui pessoas e memórias: educação patrimonial! (MARTINS, 2015, p. 57).

Sobre o conceito de educação patrimonial, Horta, Grunberg e Monteiro (1999) afirmam que consiste em um processo permanente e sistemático, centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Assim, a educação patrimonial

[...] possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

O IPHAN (2014) defende que essas práticas não possuem um fim nelas mesmas e compõem partes de processos educativos:

[...] a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais (IPHAN, 2014, p. 19).

Ao pontuar o papel de mediação da área de educação patrimonial, o IPHAN (2014) salienta que as políticas de preservação se inserem num campo de conflito e negociação. Em regiões metropolitanas, a especulação imobiliária substitui edificações e espaços sociais, segrega populações e limita o usufruto dos ambientes públicos e comunitários. Com efeito, o desequilíbrio de representatividade em termos de origem étnica, social e cultural provoca uma crise de legitimidade e uma baixa identificação da população com o conjunto do que é reconhecido oficialmente como patrimônio cultural. Portanto, interessa conceber as práticas educativas em sua dimensão política, em ações pautadas pelo respeito à diversidade cultural (IPHAN, 2014).

Por seu turno, Scifoni (2015) afirma que educação patrimonial não se trata de uma metodologia e, em uma abordagem crítica, aponta os limites da produção de manuais e cartilhas com a pretensão de transmitir determinada informação para "ensinar" a população. Para a autora, a problemática diz respeito à concepção de educação que, ao invés de 'produto' ou como sinônimo de divulgação de informações, deve ser vista como um 'processo' em que

se busca criar uma nova relação entre os moradores e o seu patrimônio. Assim, folhetos e cartilhas tornam-se instrumentos eficazes quando concebidos como parte de um processo educativo.

Nessa direção, considerando-se as diversas possibilidades para a valorização do patrimônio cultural em uma perspectiva didática, Roma (2017) compreende a fotografia como um mecanismo essencialmente preservador, devido ao seu sistema de funcionamento e trajetória histórica. De acordo com o autor, a fotografia esteve presente em inventários, relatórios, guias, missões e expedientes de extroversão, tendo papel definitivo na construção dos parâmetros da identidade patrimonial brasileira⁵.

Na reflexão sobre fotografia e preservação de bens culturais, Roma (2017) ressalta que, por se esperar que o patrimônio seja fruto do reconhecimento comunitário em torno de um bem, as ações presentes no cotidiano da população devem ser consideradas. Desse modo, entendida como fonte histórica, a fotografia apresenta demandas próprias para que se estabeleça como documento confiável. Malverdes e Lopez (2016) corroboram a questão:

Evidentemente, a valorização da fotografia não se radica em sua maior ou menor ambiguidade e beleza, senão na medida em que nos informa de aspectos históricos, econômicos ou sociais da época que se pretende recuperar. Nesse sentido, a fotografia constitui um valioso patrimônio documental por representar, mediante uma técnica concreta, acontecimentos e padrões culturais que, junto ao componente informativo, nos faz saber quem, como, quando, em que e onde, e enriquece nossa compreensão do contexto social (MALVERDES; LOPEZ, 2016, p. 68).

Os autores são taxativos ao afirmar que a imagem fotográfica exerce um importante papel na compreensão e na preservação das atividades políticas, sociais, científicas ou culturais da humanidade. Ao relacionarmos fotografia e patrimônio cultural, podemos inferir sobre a abordagem nas seguintes perspectivas: a) fotografia como técnica para documentação do patrimônio; b) fotografia como patrimônio; c) fotografia como dispositivo de educação patrimonial.

De modo a divulgar a produção fotográfica e os conhecimentos adquiridos sobre o patrimônio cultural, vale indicar a relevância do projeto de exposições itinerantes no âmbito da ação extensionista. Segundo Lorenc, Skolnick e Berger (2010), o design de exposição tem o objetivo de contar uma história sobre o significado de um conceito ou tema, um objeto, um espaço, um evento, uma figura histórica e assim por diante. A informação é expressa sob a forma de exposição, que é composta por um local, artefatos físicos, imagens, meios audiovisuais e, muitas vezes, conta com recursos interativos. De acordo com os autores, os profissionais que desenvolvem as mostras devem estar familiarizados com questões concernentes ao espaço, à tecnologia, aos *displays* e aos materiais, no sentido de empregar recursos gráfico-visuais a serviço de determinada narrativa⁶.

No contexto das instituições culturais, enquanto meio de comunicação, a exposição constitui o que Cury (2006) denomina um espaço de educação informal. Em conformidade com a museóloga,

[...] a exposição é conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (elaboração espacial e visual), associados a outras estratégias que juntas

5 O autor menciona o trabalho de Mário de Andrade e a estruturação do IPHAN na década de 1930.

6 No que se refere ao design gráfico, o profissional ocupa-se da identidade visual da exposição, que se estende da marca ao catálogo e ao material promocional, como *press kits*, folders e cartazes, e contribui também com o desenvolvimento de sistemas de interação humano-computador, vídeos e *websites*. Além disso, o designer planeja o material instrucional, de modo a apresentar as informações sobre o conteúdo.

revestem a exposição de qualidades sensoriais [...] Assim, conceber e montar uma exposição significa construir e oferecer uma experiência de qualidade para o público (CURY, 2006, p. 42-43).

No projeto de extensão Resgate da Memória Palhocense, a produção fotográfica e a exposição itinerante buscaram promover a valorização do patrimônio cultural local, no alcance de variados espaços e públicos para a difusão dos bens patrimoniais.

BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE PALHOÇA

Desde o período pré-cabralino habitada por índios Guarani, a área referente ao município de Palhoça foi colonizada pelos portugueses⁷: um dos primeiros núcleos de povoamento se deu em 1651, pelo Bandeirante Domingos de Brito Peixoto, quando se dirigia à região do atual município de Laguna-SC⁸. Após encantar-se com a aprazível enseada, de praia calma para o atracamento de barcos e estrategicamente localizada em relação à Ilha de Santa Catarina, o bandeirante fundou um entreposto, no entanto, o empreendimento não vigorou⁹ (FARIAS, 2004; GARCIA, 2010; IPHAN, 2015; PEREIRA, 2017).

Mais tarde, como parte do plano da Coroa Portuguesa para povoar a Região Sul, além da intenção de sanar o excedente populacional dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, o primeiro barco de açorianos ancorou no porto da Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em janeiro de 1748. Foram feitos outros transportes e, no mês de maio de 1750, setenta casais açorianos foram deslocados para a praia em forma de arco, na qual foi fundada a Freguesia Nossa Senhora do Rosário que, desde seus primeiros anos, ficou mais conhecida como Enseada de Brito¹⁰. No local, já viviam alguns portugueses¹¹, escravos¹² e índios (IPHAN, 2015; PEREIRA, 2017).

Conforme o Dossiê de Tombamento das Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis, elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2015, o traçado da praça e a construção da capela simples, sem a torre, foram feitos por povos antecedentes à chegada dos agrupamentos de açorianos que, então, fizeram adaptações e impulsionaram a região, com a pesca, o cultivo de milho, feijão e mandioca. O assentamento

7 Na discussão sobre a presente reserva indígena do Morro dos Cavalos, vizinha da Enseada de Brito, Pereira (2017) salienta que a área pertencia e ainda pertence ao território da nação Guarani, conforme antropólogos e indigenistas defendem atualmente nessa questão que se arrasta há mais de cem anos pelos tribunais.

8 O Dossiê de Tombamento do IPHAN (2015) cita o ano de 1651 para a passagem do bandeirante e o estabelecimento inicial da localidade da Enseada de Brito, enquanto o professor Pereira (2017) afirma que não foi encontrado documento que comprove a data exata e indica o ano provável de 1675. Além disso, o IPHAN (2015) defende a tese de que a área tomou o apelido do capitão-mor Salvador de Souza Brito e, portanto, seria um equívoco atribuir o nome do local ao português. Por seu turno, Pereira (2017) associa o nome ao bandeirante e, como os moradores da comunidade, enfatiza que a denominação correta é Enseada de Brito, e não 'do Brito'.

9 Os habitantes locais contam que "o filho do Senhor de Brito se deitou com uma índia e, por isso, foram expulsos".

10 A Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito abrangia, no século XVIII, uma grande área que compreendia os atuais municípios de Santo Amaro da Imperatriz (na época, do Cubatão), Garopaba, Paulo Lopes e Palhoça. Desde a sua fundação, a Freguesia da Enseada foi subordinada à Vila de Desterro. Tal subordinação durou até 1833, quando da criação da Vila de São José e, a partir de 1894, quando passou à jurisdição do município de Palhoça (IPHAN, 2015).

11 Outro episódio incrementaria a açorianidade da Enseada de Brito, em abril de 1752: o naufrágio ao sul da ilha de uma embarcação que se destinava ao Porto dos Casais, no Rio Grande do Sul, no qual pereceram cerca de duzentos passageiros. Os setenta e sete açorianos sobreviventes juntaram-se aos patrícios na referida enseada (PEREIRA, 2017).

12 Gomes (2017) sublinha que, no período de 1787 a 1836, a Enseada de Brito teve entre 20% e 24% de participação de escravos na população, para o trabalho nos engenhos de açúcar e aguardente, nas fábricas de mandioca e nas atafonas de trigo da região.

dos povoadores açorianos foi feito de acordo com as normas colonizadoras portuguesas e considerou as condições geográficas: a igreja foi instalada em um local de visualização estratégica, com uma praça que lhe conectasse à praia, na qual eram realizadas as atividades religiosas e recreativas, além do comércio. A área localizada em frente à igreja é a única da região que até hoje mantém as características originais e é, atualmente, um dos vestígios mais fidedignos do modo de ocupação dos imigrantes, com alguns exemplares do casario térreo da tradicional arquitetura luso-brasileira em bom estado de conservação¹³:

Situada a capela de Nossa Senhora do Rosário sobre a pequena elevação, de costas para a Serra do Tabuleiro, tem diante de si, magnífico terreiro retangular que avança até a praia. Em volta, estão as casas térreas - algumas das quais constam entre os melhores exemplos sulinos de arquitetura civil. Se a capela recebeu posteriormente torre central que descaracteriza sua filiação ao partido dos frontispícios tradicionais do estado, em contrapartida foi ornada com renque de palmeiras que emolduram o maravilhoso conjunto. Aqui não se aterrou o mar, não se construiu prefeitura na praia, nem se enfeitou a praça de modo a adaptá-la aos preceitos mais novos do paisagismo do século XX (como Laguna, São José e Desterro) (IPHAN, 2015, p. 146).

Nessa localidade é realizada, anualmente, a Festa do Divino Espírito Santo, além de já ter sediado algumas edições do evento itinerante Açor – Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina. A Enseada de Brito é um bairro isolado do centro da cidade de Palhoça, de ricas belezas naturais, valoroso patrimônio edificado e, predominantemente, ocupada por moradores tradicionais, que se valem da pesca e da maricultura para prover seu sustento (IPHAN, 2015). A figura 1 ilustra o entorno da praça da Enseada de Brito:

Figura 1 - Vistas do entorno da praça da Enseada de Brito: à esquerda, a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Ao centro e à direita, amostra do casario remanescente.



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2016).

No que se refere aos primórdios da ocupação do atual centro de Palhoça, situado a dezoito quilômetros da Enseada de Brito, o ano de 1793 é referido por Farias (2004) e Garcia (2010) como o início do povoamento. Naquela ocasião, o então governador da Ilha de Santa Catarina, coronel João Alberto de Miranda Ribeiro, enviou um ofício ao Conde Rezende, então vice-rei do Brasil, no qual eleva o senhor de terras Caetano Silveira de Matos a Capitão da Companhia de Infantaria. Com a fundação de Palhoça pelo capitão, o governador esboçava a colonização do continente como um refúgio no caso de ataques dos inimigos à ilha – uma lição aprendida com a invasão espanhola, em 1777. Além disso, a intenção era criar um povoado no caminho para Lages-SC.

À época do estabelecimento de Palhoça, em 1793, Farias (2004) e Garcia (2010) informam que o local era chamado de ‘Mato da Terra Firme’. Naquela área, Caetano Silveira de Matos construiu armazéns – ou palhoças – para o depósito de farinha, além de outros ranchos

¹³ A comunidade viu o traçado original da praça secular ameaçado pela construção de um centro de saúde no seu interior, em 1988. Esse fato causou indignação nos moradores e acabou por gerar, naquele ano, a solicitação de tombamento do conjunto ao IPHAN e, posteriormente, à FCC (IPHAN, 2015).

cobertos de palha para o armazenamento das canoas e dos apetrechos de pescadores, ao sul do atual bairro Ponte do Imaruim, na desembocadura do Rio Maruim, antiga divisa legal e natural de Palhoça com o município de São José. Neste aspecto, de acordo com o Dossiê de Tombamento elaborado pelo IPHAN (2015), o nome do município originou-se de casas construídas de pau-a-pique, com cobertura de palha, denominadas palhoças.

Por mais de meio século, o ‘Mato da Terra Firme’ permaneceu esquecido. Com o gradual aumento do número de habitantes do local, foi se estendendo o levantamento de outras casinhas até que, em 1864, foi construída a pequena capela Nossa Senhora do Parto¹⁴, situada em frente à primitiva praça XV de Novembro. Na medida em que se desenvolvia o comércio da Vila de São José, o caminho para o planalto catarinense melhorava e crescia o número de habitantes da região. A emancipação ocorreu em 1894, quando se iniciou a construção da prefeitura na Praça Sete de Setembro, atual centro da cidade, e a Freguesia de Palhoça foi elevada à condição de município autônomo, desmembrando-se de São José (FARIAS, 2004; GARCIA, 2010). Alguns aspectos da formação do antigo centro de Palhoça são apresentados na figura 2.

Figura 2 – À esquerda, uma antiga casa do tipo palhoça, a qual se acredita tratar de um dos primeiros registros fotográficos obtidos no município. Ao centro, a Praça Sete de Setembro (Praça da Palhoça) e a igreja matriz original, em foto dos anos 1970. À direita, o antigo Teatro Municipal.



Fonte: Projeto Memória Palhocense. Disponível em: <https://www.facebook.com/JoaoJornalPalhocense>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Durante os séculos XIX e XX, outras correntes migratórias chegaram à cidade, com o estabelecimento de alemães e de italianos, assim como daqueles que vieram de diferentes regiões do Brasil e do estado de Santa Catarina. Ademais, vale sublinhar que negros e indígenas têm contribuição fundamental para a formação étnica do município. Na contemporaneidade, Palhoça se destaca no contexto regional pelas atividades comerciais e industriais, além de ser destino turístico bastante procurado pelo seu patrimônio natural¹⁵. O censo de 2010 registrou 137.334 habitantes e a estimativa de 2019 foi de 171.797 habitantes, sendo o décimo município mais populoso do estado (IBGE, 2020).

DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA FASE: O PATRIMÔNIO EDIFICADO DO CENTRO DE PALHOÇA E DA ENSEADA DE BRITO

Se é verdade que cidade sem patrimônio é cidade sem identidade, a montagem de uma exposição fotográfica sobre este tema se torna estratégica para um encontro didático com um pouco do que nos constitui. Trata-se do trabalho final do curso Formação

14 A primeira igreja construída na região central do município segue em atividade.

15 Vale citar o Morro do Cambirela (ponto culminante da região com 1050 metros) no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que constitui unidade de conservação. Entre as belíssimas praias, mencionamos a Praia do Sonho, a Ponta do Papagaio, a Praia da Pinheira e a Guarda do Embaú.

Inicial Continuada - FIC Fotografia e Edição Digital, desenvolvido pela turma 2016/II, com etapas como pesquisa documental, estudo de modos de expor, produção fotográfica e edição, curadoria, montagem e divulgação. Além disso, com a aplicação dos tópicos estudados ao longo do semestre neste projeto, a ideia é corroborar a função social de uma instituição pública de ensino, ao vincular as práticas pedagógicas desenvolvidas no Instituto Federal de Santa Catarina – Palhoça Bilíngue com a comunidade. - Fragmento do texto de apresentação intitulado ‘Pela memória de Palhoça, por nós’, 2016.

Durante o desenvolvimento da atividade, com início em 2016/II, a estratégia didático-pedagógica considerou a aplicação de tópicos sobre fotografia, estudados ao longo do semestre, em um projeto final, com a montagem de uma exposição itinerante. Nos parâmetros da modalidade de qualificação profissional, intitulada Formação Inicial Continuada – FIC Fotografia e Edição Digital, o curso de 60 horas/aula tratou de oportunizar uma introdução à fotografia.

A partir do referencial teórico de Ang (2007), a turma estudou os seguintes tópicos: história da fotografia; fotógrafos contemporâneos; o olhar fotográfico; funcionamento da câmera; composição e enquadramento; profundidade de campo, zoom e close-up; composição cromática; controle de exposição; *light painting*¹⁶; perspectiva e ponto de vista; fotometria; fotografia de objeto, retrato e paisagem; e edição e tratamento de imagens. Os tópicos foram postos em prática novamente no trabalho final do semestre, quando o grupo refletiu sobre as possibilidades de desenvolvimento de um projeto fotográfico e a montagem de uma exposição cultural. Entre uma série de temas debatidos, a turma optou pelo patrimônio edificado de Palhoça.

No que concerne à articulação com a pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico e documental sobre a história de Palhoça, com ênfase no estabelecimento dos imigrantes açorianos na Enseada de Brito, e também sobre os primórdios da ocupação da região central da cidade, com base no aporte do IPHAN (2015), Farias (2004) e Garcia (2010). Assim, vale salientar a relevância dessa etapa, no sentido de informar o grupo sobre o tema em estudo, de modo a aprofundar o domínio sobre a história local. Expresso em outros termos, a pesquisa possibilitou efetivar um mapeamento do patrimônio cultural de Palhoça, para, dessa forma, embasar o planejamento da produção fotográfica que seria realizada na sequência.

Além disso, a pesquisa propiciou a seleção de fotografias antigas, de prédios que não resistiram aos impactos do tempo e da modernização. As fotografias antigas foram impressas e fizeram parte da exposição, ao lado da produção fotográfica da turma sobre o patrimônio edificado remanescente. Desse modo, a partir da montagem com fotografias de diferentes temporalidades, acreditamos que foi possível promover uma comparação, a fim de conscientizar os alunos envolvidos e o público visitante da exposição sobre as perdas em relação ao patrimônio edificado no centro de Palhoça¹⁷.

A temática demandou que a turma fosse a campo em busca dos marcos históricos e das construções de valor arquitetônico. Assim sendo, o registro fotográfico foi feito, primeiramente, no centro da cidade e incluiu edificações como a igreja Nossa Senhora do Parto (1864), a antiga prefeitura (1895), o Grupo Escolar Venceslau Bueno, inaugurado em 1932 (quando o município passou a ser iluminado à energia elétrica) e ainda em atividade, e o Mercado Municipal (1950), conforme ilustra a figura 3.

16 Técnica fotográfica que consiste em mover uma fonte de luz, ou também a própria câmera, durante um registro de longa exposição, com o objetivo de ‘desenhar’ com a luz em objetos e ambientes (ANG, 2007).

17 Entre esses prejuízos, citamos a igreja matriz original Senhor Bom Jesus de Nazaré, construída inicialmente sem as torres em 1884, e com apenas uma torre, em registro de 1910. Parte da estrutura foi demolida em 1942 e reconstruída em 1943. Por fim, a igreja foi derrubada em 1984 para dar lugar à nova matriz, inaugurada em 1989. Já o Teatro Municipal, de 1937, foi demolido nos anos 1980. Além destes, mencionamos a demolição e a reconstrução da igreja luterana - duas vezes, desde meados do século XIX - e o casario em estilo açoriano, agora inexistente (COELHO, 2019).

Figura 3 - Pontos de interesse histórico na região central de Palhoça: à esquerda, a igreja Nossa Senhora do Parto (1864). Ao centro, a antiga prefeitura (1895) e, à direita, o Mercado Municipal (1950).



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2016).

Em seguida, o grupo de discentes, juntamente com o professor, dirigiu-se à Enseada de Brito para o registro fotográfico do entorno da praça, com a igreja Nossa Senhora do Rosário (1750) e o casario em estilo colonial, sendo que a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça integra o conjunto, como ilustra a figura 4.

Figura 4 - Amostra do casario remanescente na Enseada de Brito: à esquerda, a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. Ao centro, residência com epígrafe arquitetônica do ano de 1850. À direita, a casa que sediou a primeira escola da região.



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2016).

Ressaltamos que a abrangência do projeto incluiu o desenvolvimento de identidade visual¹⁸ e de material gráfico promocional (cartaz e *flyer* virtual), além do material instrucional da exposição, constituído por textos sobre a história do município e com informações sobre os espaços pesquisados. O projeto da exposição itinerante foi elaborado a partir de etapas como pesquisa documental, estudo de modos de expor, produção fotográfica e edição, curadoria, montagem e divulgação. De modo a convidar a comunidade para visitação, a divulgação foi realizada via e-mail e redes sociais das instituições envolvidas, além da cobertura da imprensa local. A primeira mostra ocorreu entre dezembro de 2016 e março de 2017, no hall de entrada do campus do IFSC – Palhoça Bilíngue, como pode ser visto na figura 5.

¹⁸ O nome Resgate da Memória Palhocense foi definido pela turma após um *brainstorm* e votação.

Figura 5 - O cartaz e *flyer* virtual da exposição e a montagem no IFSC – Palhoça Bilingüe.



Fonte: Banco de imagens dos autores (2016).

Ao ser firmada a parceria do IFSC – Palhoça Bilingüe com a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, a prática extensionista consolidou-se com a segunda montagem, que transcorreu durante abril e maio de 2017, nas dependências da instituição, na Enseada de Brito. Naquela ocasião, realizamos um registro em vídeo sobre a proposta, com janela de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, de modo a possibilitar o acesso da comunidade surda, em consonância com a vocação do campus para a educação bilíngüe¹⁹.

Foi também nessa oportunidade que desenvolvemos a primeira ação educativa do projeto Resgate da Memória Palhocense, replicada em dois encontros na Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, em 9 e 15 de maio de 2017, com um total de aproximadamente cinquenta participantes. Em articulação com o ensino, o segundo encontro contou com a presença da turma do primeiro semestre de Licenciatura em Pedagogia Bilingüe do IFSC. Inicialmente, formamos uma roda de conversa intitulada ‘O resgate histórico e sua importância para a manutenção das manifestações culturais dos povos’, seguida por uma oficina de *light painting* na praça da Enseada de Brito.

As atividades foram abertas para a comunidade, gratuitas, e contaram com a presença dos fotógrafos participantes do projeto, estudantes, professores e técnicos do IFSC – Palhoça Bilingüe, além da coordenadora da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. Após a ação educativa, utilizamos a produção fotográfica resultante da oficina para a elaboração de um *flyer* virtual comemorativo ao aniversário da Enseada de Brito, doado para a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça e para o IFSC – Palhoça Bilingüe, para publicação nas redes sociais. A figura 6 registra a ação educativa.

Figura 6 - Ação educativa do projeto Resgate da Memória Palhocense: à esquerda, roda de conversa na Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. Ao centro, oficina de *light painting* na praça da Enseada de Brito. À direita, o *flyer* virtual comemorativo.



Fonte: Banco de imagens dos autores (2017).

¹⁹ Programa Movimento Cultura | Exposição fotográfica Palhoça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UrRu9JmBGWQ&t>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Entre os meses de junho e julho de 2017, a equipe aceitou o convite para a terceira montagem do projeto, realizada no Continente Shopping, na cidade de São José-SC. Naquela oportunidade, foi solicitada a impressão das fotos em dez painéis de PS (chapas de poliestireno), no tamanho de 60x70cm, a serem expostos em cavaletes fornecidos pelo shopping (ND+, 2017). Para efetivar a proposta, cada integrante da turma contribuiu com a confecção de um painel.

O material foi aproveitado novamente para a quarta exposição, no hall da Faculdade Municipal de Palhoça - FMP, em agosto de 2017. A respeito dessa montagem, inicialmente, encontramos dificuldade para fixar os painéis em altura adequada à leitura, dada a escassez de recursos da equipe e dos materiais oferecidos pela instituição. Na busca pelos materiais disponíveis, encontramos um rolo de barbante no almoxarifado. Ao visualizarmos o mezanino, resolvemos o sistema expositivo para aquela mostra, com a ideia de suspender os painéis. A figura 7 representa as exposições no Continente Shopping e na FMP.

Figura 7 - À esquerda, a montagem no Continente Shopping, com os painéis sobre cavaletes. Ao centro e à direita, a montagem na FMP, com os painéis suspensos por barbantes.



Fonte: Banco de imagens dos autores (2017).

Além dessas exposições, a quinta montagem foi realizada na 2ª Mostra Cultural de Palhoça, promovida pela prefeitura, em um ginásio no bairro Ponte do Imaruim, ao final de setembro de 2017. Após cinco montagens em diferentes espaços públicos ao longo de um ano, as exposições fotográficas itinerantes sobre o patrimônio edificado local consolidaram a característica comunitária do projeto de extensão Resgate da Memória Palhocense. Na sequência, a segunda etapa do projeto passa a ser de interesse para a análise.

DESENVOLVIMENTO DA SEGUNDA FASE: SABERES E FAZERES DA CASA DA CULTURA AÇORIANA DE PALHOÇA

A exposição intitulada 'Saberes e fazeres da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça' propõe aplicar a fotografia para a visibilidade das ações desse espaço estratégico para a manutenção das manifestações culturais do município. Assim, o grupo de discentes realizou uma série de visitas, de modo a constituir um acervo de imagens sobre os cursos oferecidos, com ênfase na cerâmica, renda de bilros e artes aplicadas, além de registrar as atividades religiosas que marcam a cultura de base açoriana. - Fragmento do texto de apresentação intitulado 'Uma casa para a nossa cultura', 2017.

A segunda fase do projeto de extensão Resgate da Memória Palhocense foi desenvolvida pela turma 2017/I do curso de Formação Inicial Continuada - FIC Fotografia e Edição Digital, que se mostrou motivada em dar prosseguimento ao trabalho iniciado pelo grupo anterior, com o foco no patrimônio cultural local. Os tópicos sobre fotografia estudados ao longo do semestre foram, mais uma vez, aplicados em um projeto final, que resultaria em uma nova série de exposições itinerantes. Decidimos fortalecer a parceria com a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, ao optar pelo registro fotográfico das atividades daquela instituição, em um viés didático e promocional.

Portanto, nos mesmos moldes da etapa anterior, o grupo fez uma imersão na comunidade para a compreensão da temática em estudo. Após algumas visitas à Casa da Cultura Açoriana de Palhoça e o contato com mestres de cerâmica, rendeiras, professores de artesanato e seus alunos, a turma delimitou o enfoque do projeto nos conhecimentos tradicionais da cultura de base açoriana. A figura 8 ilustra os elementos fotografados pela turma.

Figura 8 - Os cursos da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça: cerâmica, renda de bilros e artes aplicadas.



Fonte: acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2017).

De modo a conferir um nome para a segunda fase do projeto Resgate da Memória Palhocense, a turma optou pelo subtítulo 'Saberes e fazeres da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça'. No que se refere ao design gráfico, a identidade visual do projeto foi aplicada com uma paleta de cores definida de acordo com o azul e branco da instituição, em material gráfico promocional (cartaz e *flyer* virtual), além do material instrucional da exposição. Os textos traziam informações a respeito da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, sobre os conhecimentos trabalhados nos cursos e as atividades promovidas junto à comunidade. Neste sentido, às vésperas da Festa do Divino Espírito Santo, os discentes registraram a novena de abertura do ciclo, conforme ilustra a figura 9.

Figura 9 - As atividades da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça: à esquerda, a aula de cerâmica e, ao centro, o registro da novena. À direita, o cartaz e *flyer* virtual da exposição.



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2017).

O projeto da exposição teve, mais uma vez, etapas como produção fotográfica e edição, curadoria, montagem e divulgação. Em continuidade ao modo de expor da fase anterior e em vista da possibilidade de realizar mostras com fotografias das duas fases do projeto, reunidas em um mesmo tipo de suporte, mantivemos o formato com a impressão de dez novos painéis em PS. Assim, o material poderia ser suspenso por barbante, apoiado em cavalete ou fixado na parede.

Na abertura da exposição 'Saberes e fazeres da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça' no campus IFSC – Palhoça Bilíngue, em outubro de 2017, efetivamos uma nova ação educativa, com uma palestra da coordenadora Mary Lúcia de Souza da Silveira, que fez uma apresentação da instituição parceira e dos elementos da cultura de base açoriana. Após um período de três

semanas em exposição no hall do campus, foi feita uma montagem com os painéis das duas fases do projeto, por ocasião do Açor – Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina, cuja 24ª edição foi sediada em Palhoça, na localidade da Enseada de Brito, em novembro de 2017. A figura 10 ilustra essas montagens.

Figura 10 - À esquerda e ao centro, abertura da exposição no campus com palestra da coordenadora da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. À direita, a montagem no Açor.



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2017).

Na sequência, em mais um retorno da mostra à comunidade, a terceira montagem da segunda fase do projeto ocorreu nas dependências da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018 (JORNAL PALAVRA PALHOCENSE, 2017). Em seguida, uma nova montagem reuniu o acervo referente a ambas as fases em uma exposição no Shopping Via Catarina, na região central de Palhoça, entre junho e julho de 2018 (VIA CATARINA, 2018).

Após aquela exposição, os vinte painéis com todas as fotografias das duas etapas do projeto foram doados para a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça. Foi, então, adotada uma forma de disposição dos painéis em estruturas leves e móveis, feitas em madeira. Essa organização permite flexibilidade na montagem permanente na instituição e facilidade no transporte para a realização de mostras temporárias em eventos, com a utilização dos mesmos suportes e materiais e, portanto, com economia de recursos. A figura 11 representa essas iniciativas.

Figura 11 - À esquerda, a montagem no Via Catarina. Ao centro, membros da comunidade recebem a doação das fotografias. À direita, a montagem permanente nas dependências da instituição.



Fonte: Acervo do projeto Resgate da Memória Palhocense (2018; 2019).

RESULTADOS DO PROJETO E NOVAS AÇÕES DE ENSINO E EXTENSÃO

Quanto ao histórico das atividades do IFSC – Palhoça Bilíngue na comunidade da Enseada de Brito, vale destacar que o ponto de partida foi, em 2016/I, numa articulação entre as disciplinas de Fotografia e Edição de Imagens, Geografia, Língua Portuguesa e História, do curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, que resultou em uma revista digital sobre a

cultura de base açoriana e as origens do município. A ação envolveu uma pesquisa prévia feita pelos discentes, saída a campo para registro fotográfico, produção textual e diagramação da revista²⁰.

Na sequência, ao firmar parceria com a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, o projeto Resgate da Memória Palhocense constituiu uma nova oportunidade de inserir as práticas pedagógicas em um viés comunitário e, assim, sistematizar e aprofundar as ações de extensão. Além da realização da produção fotográfica, das exposições itinerantes e das ações educativas, apresentamos as atividades do projeto em eventos científicos promovidos pela rede de institutos federais, com a publicação de resumos no 1º Fórum de Docentes de História dos Institutos Federais - FORDHIFs e no 6º Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFSC - SEPEI 2017 (COSSIO; SANTOS, 2017).

Entre os desdobramentos do projeto, mencionamos uma reunião ocorrida na prefeitura em junho de 2018, em defesa das instituições municipais públicas de educação e cultura²¹. Em seguida, apresentamos as ações em uma palestra intitulada 'Vamos fazer extensão? Relato de experiência dos projetos Design Social (2012-2015) e Resgate da Memória Palhocense (2016-2018)', por ocasião da 2ª Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia Bilíngue do IFSC.

No que se refere às repercussões na formação dos alunos a partir das atividades relatadas, foi possível constatar que a exposição fotográfica itinerante permitiu a aplicação dos temas estudados em uma abordagem teórico-prática, além de ter oportunizado uma vivência diferenciada para os discentes:

Fazer uma exposição sobre o patrimônio histórico de Palhoça foi como redescobrir a própria cidade, estar ao lado de edifícios antes tão importantes para a cidade e não saber. Ampliar nosso conhecimento e poder transmitir para os outros cidadãos, é fazer com que todos possam ver a cidade com outros olhos, fazer com que parem e apreciem a nossa bela cidade. - J. A. C., estudante de Fotografia (JORNAL PALAVRA PALHOCENSE, 2016).

Na reflexão sobre as repercussões do projeto na comunidade, cabe destacar a contribuição da ação extensionista para a valorização de identidade e cultura e seus influxos na relação de pertencimento dos moradores com o município, conforme indica este depoimento registrado no livro de visitas da exposição: "Ótima iniciativa! Articulam história e memória na busca pela compreensão de uma identidade palhocense! Cada um dos bens materiais aqui retratados passam a ser pensados como locais de memória" - E. H., historiador.

Além deste, o seguinte testemunho de uma palhocense no livro de visitas elucida a contribuição da educação patrimonial para o entendimento da história local: "acredito que vocês conseguiram estabelecer um diálogo muito interessante das imagens do passado com as mudanças ocorridas no presente. Parabéns pela leitura e ressignificação de Palhoça" - S., jornalista. Desse modo, verificamos que essa visitante enfatizou a comparação das fotografias antigas com a produção discente. Por sua vez, o depoimento deste morador salienta a pertinência das fotografias impressas e da realização da exposição em formato analógico frente à

20 Revista Enseada. Disponível em:

https://issuu.com/portfolio_rafael_alves/docs/revista_enseada_-_pos_recupera____o. Acesso em 21 abr. 2020.

21 A reunião contou com a presença de estudantes secundaristas, servidores públicos, professores, o secretário municipal de esporte e cultura, um vereador e o prefeito, e tratou de defender a permanência da Biblioteca Pública Municipal de Palhoça Guilherme Wiethorn Filho e da Casa de Cultura Açoriana de Palhoça. Sob a alegação de economia de recursos, a prefeitura pretendia deslocar a biblioteca de seu espaço no centro da cidade para uma sala na Faculdade Municipal de Palhoça - FMP, o que estudantes e servidores assinalaram como um prejuízo para o acesso da população e para a autonomia da biblioteca. Já o imóvel no qual se encontra a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, até então alugado pela prefeitura, estava anunciado para venda, o que significava uma ameaça. A biblioteca foi deslocada, a instituição cultural permanece e ambas seguem resistindo.

condição contemporânea: “bela participação e demonstração do quão é importante registrar num mundo tão tecnológico, digital e fugaz” - C. M., historiador.

Em linha de continuidade às ações de ensino, pesquisa e extensão em âmbito cultural, a parceria entre o IFSC - Palhoça Bilíngue e a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça tem considerado a Enseada de Brito como um laboratório a céu aberto. Além da atividade inicial, com a elaboração da revista (2016), e das exposições do projeto Resgate da Memória Palhocense (2016-2018), destacamos duas novas propostas de ensino e extensão (2019-2020): a) Websérie Casa da Cultura Açoriana de Palhoça em LIBRAS; b) Jogo didático sobre a história da Enseada de Brito. A figura 12 ilustra essas tarefas.

Figura 12 - As demais ações de ensino e extensão do IFSC - Palhoça Bilíngue na Enseada de Brito: à esquerda, a capa da Revista Enseada (2016). Ao centro, tela da websérie (2019). À direita, o protótipo do jogo didático (2019).



Fonte: Banco de imagens dos autores (2020).

A websérie resultou do trabalho de discentes do curso Técnico Integrado em Tradução e Interpretação, em parceria com os discentes do curso de Tecnologia em Produção Multimídia²². A definição dos episódios deu-se a partir do projeto Resgate da Memória Palhocense, que os alunos tomaram conhecimento pelas exposições fotográficas realizadas anteriormente. Em uma abordagem interdisciplinar, os alunos contaram com a colaboração dos docentes das unidades curriculares de Tradução e Interpretação (LIBRAS-Português), Geografia e Português. Foi estabelecida a realização de cinco episódios, com os seguintes temas: A Casa; Renda de Bilros; Cerâmica; Artes Aplicadas; e Cultivando a Fé e a Cultura, disponibilizados via YouTube²³.

De maneira geral, a execução do projeto foi organizada em atividades de pré-produção: planejamento, pesquisa de conteúdo, roteiro de conteúdo, elaboração da glosa²⁴, roteiro de websérie, entrevistas, *storyboard*²⁵; produção: captura de imagens e vídeos, arte gráfica etc.; e pós-produção: edição de imagens e vídeos (corte, ilustração, legendagem), renderização, criação do canal e publicação. As atividades na Enseada de Brito foram voltadas para pesquisa de campo, levantamento do conteúdo, entrevistas e captura de imagens²⁶. Os relatos dos

22 A proposta tomou corpo diante da oportunidade do Edital PROEX nº 16/2019 'Protagonismo Discente'.

23 Websérie Casa da Cultura Açoriana de Palhoça em LIBRAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCqvn9QLIOXEtWN-ZgXNcwQ>. Acesso em: 21 abr. 2020.

24 A glosa é utilizada na produção de conteúdo e consiste na representação textual de um ou mais sinais da LIBRAS.

25 O *storyboard* é utilizado no planejamento de vídeos e animações e consiste no esboço sequencial dos enquadramentos para a captura de imagem.

26 Os momentos de interação da comunidade acadêmica com a comunidade externa para o desenvolvimento da websérie foram, por ora: a visita dos alunos do curso de Tradução e Interpretação à Casa da Cultura Açoriana de Palhoça; a participação na novena do divino na Casa da Cultura; a coleta de informações junto à comunidade;

alunos endossam a riqueza das parcerias em projetos de extensão para a formação acadêmica e a aprendizagem extramuros:

Projetos como esse permitem adquirir experiência no trabalho em equipe e oportunizam a troca de saberes entre os dois cursos. O curso de Tradução evoluiu bastante em edições de vídeos e filmagens por conta desse contato com o curso de Tecnologia em Produção Multimídia, assim como estes também ampliaram seus saberes a respeito da Língua Brasileira de Sinais. Todo o conhecimento adquirido durante esses cinco meses de projeto foram de extrema importância para todos os alunos que participaram. - S.C.B.N., bolsista do curso Técnico Integrado em Tradução e Interpretação LIBRAS-Português, 2019.

Por sua vez, o jogo didático sobre a história da Enseada de Brito constituiu o projeto interdisciplinar de Prática como Componente Curricular - PCC, desenvolvido por discentes da unidade curricular de Representação e Leitura do Mundo pela Geografia do curso de Pedagogia Bilíngue. A proposta foi feita inicialmente em formato analógico e, em seguida, foi realizada também em formato digital por discentes do curso de Produção Multimídia.

Trabalhando este tema, fazemos não só o resgate da cultura da região, mas também podemos trabalhar de forma interdisciplinar as áreas de Geografia e História, abordando temas diversos como a história de Palhoça e da Enseada de Brito, a relação com o meio ambiente, a localização, as relações projetivas, a própria cultura, os valores, os costumes, e as crenças do povo da região. - J.M.C., aluna do curso de Pedagogia Bilíngue, 2019.

O tabuleiro reproduz a praça da Enseada de Brito e o entorno, desse modo, a ideia é que o jogo seja uma ferramenta de fixação de conteúdos em aula ou para ser utilizado após a visita de grupos escolares do Ensino Fundamental - Anos Iniciais²⁷. A proposta permitiu articular saberes que envolvem a noção de espaço, a história local, a formação sócio-espacial, as escalas, o lugar e a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale salientar o caráter estratégico da vinculação das práticas pedagógicas do IFSC - Palhoça Bilíngue com o viés comunitário, diante das especificidades de um município situado em região metropolitana, bem como torna-se pertinente ponderar acerca dos bens patrimoniais considerados nas ações de extensão. Ainda que o tombamento tardio do conjunto arquitetônico e paisagístico da Enseada de Brito possibilite a salvaguarda do território, a modernização trouxe inúmeras perdas em relação às construções coloniais da comunidade.

Por sua vez, o centro de Palhoça carece de políticas e ações de preservação, conforme evidenciam a precariedade e a subutilização da Praça Sete de Setembro e dos últimos três pontos de interesse histórico na zona central: a igreja Nossa Senhora do Parto sofre com recorrentes assaltos e o avanço dos prédios adjacentes; a antiga prefeitura é ocupada pela burocracia do município para a emissão de documentos, enquanto o projeto para transformá-la no primeiro museu da cidade segue sem estimativa de concretização; e o Mercado Municipal passou as últimas décadas sem reformas, descaracterizado e servindo também como ponto de ônibus.

Além desses exemplos, a pesquisa informou sobre as recorrentes demolições de antigos edifícios de uso comunitário, como o Teatro Municipal e as igrejas centenárias – a matriz, a luterana e a igreja da Barra do Aririú – substituídas por novas igrejas com telhas de amianto.

a apresentação e discussão das glosas com a coordenadora; a captura das imagens externas para o primeiro episódio; e a cobertura da participação da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça na 3ª Mostra Cultural de Palhoça, em outubro de 2019.

27 O corpo docente decidiu por uma abordagem interdisciplinar que envolvesse saberes e competências da Base Nacional Curricular Comum - BNCC. O recorte temático atendia as exigências por dialogar com diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, História, Geografia e Artes.

Atualmente, as instalações de megalojas de departamentos, de hipermercados atacadistas e de centros de distribuição e logística, nas marginais da BR-101, não deixam qualquer resquício das casas com cobertura de palha que deram origem ao nome da cidade.

Portanto, compreendemos que a ênfase da primeira etapa do projeto Resgate da Memória Palhocense no patrimônio edificado encontrou justificativa nas condições dos prédios históricos remanescentes e nos limites da preservação. Na sequência, a fase subtítuloada ‘Saberes e fazeres da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça’, bem como os desdobramentos na realização da websérie e do jogo didático enfatizaram os conhecimentos tradicionais e as atividades da instituição. Assim sendo, essas iniciativas levaram em conta o patrimônio imaterial e as ações dos membros da comunidade, de acordo com o que ensinaram Roma (2017) e Malverdes e Lopez (2016) a respeito da fotografia em processos de educação patrimonial.

Ao considerarmos a diversidade cultural de Palhoça, a opção pelo enfoque na cultura de base luso-açoriana torna-se válida pela sua relevância histórica para a gênese da cidade. Em outras palavras, o projeto Resgate da Memória Palhocense oportunizou uma introdução ao patrimônio cultural local e não pretendeu corroborar o apagamento da contribuição de variadas populações para a formação étnica do município. Desse modo, os dados levantados na pesquisa e as estratégias de ensino e extensão aqui relatadas balizam ações futuras para a compreensão dos demais elementos da identidade palhocense, conforme indicaram o IPHAN (2014), Martins (2015), e Scifoni (2015) a respeito de uma perspectiva plural e dialógica de educação patrimonial.

Na reflexão sobre atividades de ensino e extensão para valorização de identidade e cultura, podemos inferir sobre os ganhos para as instituições envolvidas e para o reconhecimento da história local, com base no depoimento da coordenadora da Casa da Cultura Açoriana de Palhoça, registrado no livro de visitas da exposição.

É possível dizer que não se vive de passado, se vive do presente e do futuro. Mas para compreender transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecê-la. A iniciativa do projeto Resgate da Memória Palhocense é muito importante para que a identidade cultural de nosso povo não se perca. Com essa exposição, vocês conseguem manter viva uma parte da história e da cultura do povo palhocense. - Mary Lúcia de Souza da Silveira, 2017.

Tanto o Instituto Federal de Santa Catarina - Palhoça Bilíngue quanto a Casa da Cultura Açoriana de Palhoça são instituições públicas de educação e cultura estabelecidas recentemente e estão situadas em espaços fora de eixos centrais e de grande circulação de pessoas. Assim, a condição periférica demanda que elas sejam parceiras na busca pelo fortalecimento e enraizamento de suas práticas junto à comunidade palhocense. Em última análise, compreendemos que a articulação entre ensino, pesquisa e extensão para educação patrimonial possibilita uma tomada de consciência a respeito da cultura local, de modo a engajar os sujeitos em um exercício de cidadania, para que o patrimônio cultural seja preservado.

REFERÊNCIAS

ANG, T. **Fotografia digital**. São Paulo: Senac, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Edital de Notificação do IPHAN. Processo n.º 1. 273-T-88. Tombamento das Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis. **Diário Oficial da União**. Brasília, n. 212, p. 14-16, de 4 nov. 2016.

COELHO, N. B. As primeiras praças de Palhoça. **Portal Palhoça**, Palhoça, 24 ago. 2019.

Disponível em:

<https://portalpalhoca.com.br/coluna/historia-em-foco/as-primeiras-pracas-de-palhoca>.

Acesso em: 14 jun. 2020.

COSSIO, G.; SANTOS, P. H. A. Fotografia para educação patrimonial no projeto Resgate da Memória Palhocense. *In*: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO DO IFSC – SEPEI, 6., 2017, Itajaí. **Anais [...]**. Itajaí, 2017.

CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

EXPOSIÇÃO Resgate da Memória Palhocense. **Via Catarina**, Palhoça, 20 jun. 2018. Disponível em: <http://www.viacatarina.com.br/noticias/detalhe/exposicao-resgate-da-memoria-palhocense>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FARIAS, V. F. **Palhoça**: natureza, história e cultura. Florianópolis: Fapeu, 2004.

FONSECA, M. C. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Decreto nº 2.997. Tombamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário, juntamente com o cemitério anexo e a praça, na Enseada de Brito. Florianópolis: **D. O. E. Santa Catarina**, 25 jun. 1998.

GARCIA, H. Palhoça: uma distância no tempo. **História Catarina**, Lages, ano 4, n. 19, p. 30-41, 2010.

GOMES, L. C. Livres, libertos e escravos na história da população de Santa Catarina, 1787-1836. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Belo Horizonte, v. 34, n. 3, p. 593-615, set./dez., 2017.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico da educação patrimonial**.

Brasília: IPHAN, 1999. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. [Brasília]: IBGE, 2020.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/palhoca/panorama>. Acesso em: 21 abr. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê de Tombamento das Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis**. Brasília: IPHAN, 2015.

Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Freguesias%20-%20Resumo%20Dossi%C3%AA%20de%20Tombamento.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Educação patrimonial: princípios e diretrizes conceituais. *In*: **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Recomendação Paris**.

Brasília: IPHAN, 1989. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>.

Acesso em: 30 abr. 2020.

LORENC, J.; SKOLNICK, L.; BERGER, C. **What is exhibition design?** Hove: Rotovision, 2010.

MALVERDES, A.; LOPEZ, A. Patrimônio fotográfico e os espaços de memória no estado do Espírito Santo. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 59-80, 2016.

MARTINS, J. C. O. Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar. *In*: PINHEIRO, A. R. S. **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor: IPHAN, 2015.

ND+. 19 de junho de 2017. **Cultura de Palhoça em exposição no Continente Shopping**.

Disponível em: <https://ndmais.com.br/blogs-e-colunas/carlos-damiao/cultura-de-palhoca-em-exposicao-no-continente-shopping/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PEREIRA, N. V. **Anotações acerca da história da Freguesia da Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito, município de Palhoça, Santa Catarina**. Texto distribuído em palestra proferida pelo autor. [Palhoça]: Faculdade Municipal de Palhoça, set. 2017.

RESGATE da Memória Palhocense. **Jornal Palavra Palhocense**. Palhoça, 22 dez. 2016.

Disponível em: <http://www.adjorisc.com.br/jornais/palhocense/online/cotidiano/resgate-da-mem%C3%B3ria-palhocense-1.1954560>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ROMA, B. A. Fotografia e preservação de bens culturais: relações e paradoxos. **Urbana**. Campinas, v. 9, n. 2, p. 354-370, maio/ago. 2017.

OS SABERES e fazeres da Casa da Cultura. **Jornal Palavra Palhocense**. Palhoça, 7 dez. 2017.

Disponível em:

<https://www.palhocense.com.br/noticias/os-saberes-e-fazeres-da-casa-de-cultura>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCIFONI, S. Para repensar a educação patrimonial. *In*: PINHEIRO, A. R. S. **Cadernos do patrimônio cultural**: educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor: IPHAN, 2015.

Data de recebimento: 20/05/20

Data de aceite para publicação: 24/06/20